

Biografia e identidade no Império Romano

J. L. Brandão, C. Teixeira,
F. Favarsani, A. Rodrigues
Coord.

HVMANITAS SVPPLEMENTVM • ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2182-8814

Apresentação: esta série destina-se a publicar estudos de fundo sobre um leque variado de temas e perspetivas de abordagem (literatura, cultura, história antiga, arqueologia, história da arte, filosofia, língua e linguística), mantendo embora como denominador comum os Estudos Clássicos e sua projeção na Idade Média, Renascimento e receção na atualidade.

Breve nota curricular sobre a Coordenação do volume

José Luís Brandão é Professor Associado em Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do CECH.

Cláudia Teixeira é Professora Associada da Universidade de Évora, doutorada em Literaturas Clássicas e investigadora do CECH.

Fábio Favarsani é Doutorado pela Unversidade de São Paulo e Professor de História Antiga na Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil.

Ália Rodrigues é Doutorada pela Universidade de Coimbra em Estudos Clássicos e foi Investigadora Pós-Doutoranda no Projecto BioRom sediado no CECH.

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2182-8814

DIRETOR PRINCIPAL
MAIN EDITOR

Delfim Leão
Universidade de Coimbra

DIRETORES ADJUNTOS
EDITORIAL ASSISTANTS

José Luís Brandão
Universidade de Coimbra

Margarida Miranda
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA DO VOLUME
EDITORIAL BOARD FOR THIS VOLUME

Alexandre Agnolon (UFOP)
Armando Senra Martins (U. Évora)
Cristina Pimentel (U. Lisboa)
Francisco Oliveira (UC)

Biografia e identidade no Império Romano

J. L. Brandão, C. Teixeira,
F. Favarsani, A. Rodrigues
Coord.



SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

TÍTULO TITLE

BIOGRAFIA E IDENTIDADE NO IMPÉRIO ROMANO
BIOGRAPHY AND IDENTITY IN THE ROMAN EMPIRE

COORD. ED.

J. L. Brandão, C. Teixeira, F. Favarsani, A. Rodrigues

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press
<https://www.uc.pt/imprensa>

Contacto Contact
imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales
<https://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination
Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics
Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics
Pedro Bandeira

Impressão e Acabamento Printed by
Impressões de Coimbra

ISSN
2182-8814

ISBN
978-989-26-2658-1

ISBN Digital
978-989-26-2659-8

DOI
<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2659-8>

Depósito Legal Legal Deposit
541570/24



CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Unidade de I&D
financiada por **fct** Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia Criado em 1967
Projeto
UIDB/00196/2020



REPÚBLICA
PORTUGUESA

Resultados do trabalho realizado no âmbito
do Proj. Rome our Home: (Auto)biographical
Tradition and the Shaping of Identity(ies)
(PTDC/LLT-OUT/28431/2017).

Financiado com Fundos Nacionais através da FCT - Fundação
para a Ciência e a Tecnologia I.P. no âmbito do projeto
UIDB/00196/2020

Publicação financiada pelo projeto Geral do Centro de
Estudos Clássicos e Humanísticos

©Dezembro 2024

Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigenis
<http://classicaldigitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

APONTAMENTOS SOBRE A EVOLUÇÃO DA BIOGRAFIA NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA¹

NOTES ON THE DEVELOPMENT OF BIOGRAPHY IN CLASSICAL ANTIQUITY

JOAQUIM PINHEIRO

Universidade da Madeira, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

ORCID: 0000-0002-5425-9865

RESUMO: Durante a Antiguidade Clássica, a narrativa de vidas passou por várias fases e desenvolveu-se em âmbitos muitos diversos, mantendo uma relação próxima com a historiografia. Em forma de síntese, procuraremos identificar os vários momentos dessa evolução e caracterizar os temas principais do género biográfico.

PALAVRAS-CHAVE: biografia, vidas, literatura clássica, história

ABSTRACT: During the Classical Antiquity, the narrative of lives went through several phases and developed in many different domains, maintaining a close relationship with historiography. In summary, we will try to identify the various moments of this evolution and characterise the main themes of the biographical genre.

KEYWORDS: biography, lives, classical literature, history

«Tucídides, ao discorrer sobre a história, parece ter dito que a história é filosofia a partir dos exemplos» (Dionísio de Halicarnasso, *Ars rhet.*11.2)

1.1. ENQUADRAMENTO

Com uma assinalável presença na cultura greco-romana, a escrita de vidas foi-se consolidando ao longo dos séculos, conseguindo o género biográfico ganhar, gradualmente, autonomia e relevância, embora não seja possível reconstituir vários momentos desse processo por falta de fontes. Para essa presença na Antiguidade e na tradição literária muito contribuiu a capacidade que este género tem revelado para se adaptar aos mais diversos contextos socioculturais e às diferentes formas narrativas, bem como a receptividade por parte de leitores e estudiosos. Pela sua proximidade da historiografia ou pela partilha de várias características com outros géneros, foi considerado por alguns como género impuro ou impossível (como Jean Paul Sartre manifesta na obra *A Náusea*, mediante o herói Antoine Roquentin). Rousseau, por sua vez, no preâmbulo da obra *Confissões*, defendera que ninguém pode escrever sobre a vida de um

¹ Trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto «BioRom – Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies)» (PTDC/LLT-OUT/28431/2017).

homem, mas apenas sobre a sua. Numa outra perspectiva, confirma-se que a complexidade e a dimensão plural da biografia foi oscilando, ao longo dos tempos, entre *mimesis* e imaginação, ficção e realidade histórica, numa tensão entre romance e erudição. Boa parte dessa tensão deve-se à incerteza das fontes, facto que abre espaço a várias interpretações e, por vezes, a uma maior subjetividade por parte do biógrafo.

A arte de representar a vida tem na cultura clássica diversas manifestações, desde Xenofonte ou Suetónio a Eunápio de Sardes. Neste leque de autores inclui-se também Plutarco, autor da mais significativa coleção de vidas que a Antiguidade nos legou. Temos usado, propositadamente, o termo «vida» (βίος, em grego, *uita* em latim), uma vez que apenas numa obra de Damáscio, do século V, dedicada à vida de Isidoro, e, uns séculos mais tarde, na *Bibliotheca* do lexicógrafo Fócio² surge o vocábulo βιογραφία.

Nem sempre é fácil distinguir o que é tipicamente biográfico daquilo que caracteriza, em regra, a história ou o encómio. Acresce o facto de nem sempre a natureza da biografia ser semelhante: por exemplo, o *Agésilau* de Xenofonte³ encontra-se mais próximo do género historiográfico do que as vidas de filósofos escritas por Diógenes Laércio; de igual modo, o tom satírico e filosófico das biografias de Luciano (*Demonax*, *Nigrinus* e *Alexander*) não se encontra no *Evagoras* de Isócrates e muito menos na biografia religiosa e filosófica de Filon da Judeia, em *De vita Mosis*.

Também a cultura latina nos oferece significativos exemplos do género biográfico, como os epitáfios ou os elogios fúnebres. Além destes casos, é obrigatório referir as *Imagines* de Varrão, a coleção biográfica *Sobre homens ilustres* (*De viris illustribus*)⁴ e uma outra intitulada *Sobre generais de nações estrangeiras* de Cornélio Nepos, a biografia laudatória de Augusto escrita por Nicolau de Damasco⁵, o *Agricola* de Tácito⁶ e o *De vita Caesarum* de Suetónio. Tal como os exemplos

² Remetemos, a propósito de Fócio e dos extratos das *Vitae* na sua *Bibliotheca*, para o estudo de Schamp 1995: 155-84.

³ Também a *Cyropaidia* de Xenofonte é uma obra de difícil classificação quanto ao género: tratado educacional, história romanceada, biografia romanceada ou apenas história são algumas das hipóteses; refira-se que Xenofonte apenas dedica a primeira parte dessa obra à educação de Ciro, revelando como a educação entre os Persas era diferente daquela que se pratica em Atenas, uma vez que, além de simples e rudes exercícios físicos, não dedicavam nenhuma atenção à formação cultural.

⁴ A maioria das biografias de *Sobre homens ilustres* perdeu-se.

⁵ Cf. *FGrH* 90 F125-30.

⁶ Tal como sucede nas *Vitae* de Plutarco, também no *Agricola* de Tácito se detecta um confronto entre história e biografia como atestam as seguintes palavras de Marincola 1999: 320: «Similarly in the *Agricola*, although biography and history are present, the two genres are not amalgamated, nor does the work ever abandon its biographical form – even the annual campaigns are mined for what they reveal about Agricola's character. But biography and history do confront each other in the work, in the conflict engendered by autocratic government and the matrix of relationships that developed from it»; para Swain 1997: 24, por sua vez, a biografia

gregos, estamos perante um conjunto híbrido e heterogéneo de biografias, revelador da natureza compósita do género biográfico na Antiguidade, mesmo desde a sua origem. Essa natureza compósita da biografia confere-lhe uma dimensão cultural relevante, não só para a análise do indivíduo, mas também das realizações humanas⁷, pois carrega evidentes marcas sociais. Se a hermenêutica cultural implica, entre outros, o estudo do conhecimento de si e do outro, do contexto histórico-social e dos fatores de mudança (interiores e exteriores), de facto, o conteúdo da narrativa biográfica ultrapassa, em muito, a mera descrição da personalidade. Por conseguinte, o retrato biográfico é quase sempre plural e marcado pela diversidade.

Na cultura grega antiga, encontramos, desde cedo, material biográfico, sem que isso signifique que estejamos na presença de obras pertencentes ao género biográfico, porque só durante o período helenístico esse género ganhou autonomia. Antes, porém, tanto nos Poemas Homéricos, como nos poemas compostos por Hesíodo, se encontram dados biográficos e, no caso do poeta de Ascra, também apontamentos autobiográficos.⁸ Juntamos a estes exemplos os epítetos genealógicos, que também fornecem uma informação biográfica, ou a poesia de Arquíloco, Tirteu, Sólon ou Píndaro. No caso particular das referências sobre o *genos*, também Plutarco, em especial nos primeiros capítulos das biografias, descreve pormenores sobre a ascendência dos heróis, salientando, por vezes, o seu carácter aristocrático. Aliás, o interesse em narrar os feitos de figuras do passado é uma característica da literatura clássica que não é exclusiva da biografia, se tivermos em conta as obras de Heródoto, Tucídides ou mesmo a tragédia ática, que coloca no centro da sua trama figuras míticas. Registe-se, ainda, o interesse suscitado em diferentes épocas pelos Sete Sábios⁹, revelador de uma assinalável tendência biográfica.

Sem negligenciarmos a sua importância, não podemos deixar de verificar que estes elementos pouco nos ajudam a definir com acribia a origem da biografia grega¹⁰. O estudo de F. Leo¹¹, considerado o primeiro grande trabalho sobre a biografia na Antiguidade, refere que a estrutura das biografias de Plutarco é

experimental de Tácito merece o seguinte comentário: «That sophisticated but misjudged combination of family loyalty and high-style historiography (with full accounts of battle, general's orations, political history at Rome, geographical excursions) apparently found no imitators», ao contrário do que acontecia com a biografia de Suetónio.

⁷ A representação do indivíduo teve, sem dúvida, uma expressão assinalável durante o período imperial; cf. Swain 1997: 1-37.

⁸ Sobre a autobiografia na Antiguidade, *vide* Baslez, Hoffmann & Pernot 1993.

⁹ Em Heródoto, Platão, Diógenes Laércio e o próprio Plutarco, que escreveu um tratado sobre este tema (*Sep. sap. conu.*); *vide*, e.g., Busine 2002 e Leão 2003: 23-41 e 2006: 35-78.

¹⁰ Sobre a historiografia e a biografia no período alexandrino, assim lhe chama o autor, *vide* Barbu 1976: 11-35.

¹¹ Leo 1901: este autor aplicou ao conjunto das biografias a metodologia de identificação das fontes proposto por Meyer 1899 para a biografia de Címon, que defende a tese de que Plutarco terá usado uma fonte intermédia.

cronológica, e que assenta numa caracterização indireta. Isto justifica-se pelo facto de as *Vitae* seguirem a tradição peripatética (Aristóteles e Teofrasto¹²), mais vocacionada para caracterizar os homens de ação e a sua psicologia, sem descurar uma certa preocupação artística¹³. Esta dependência de Plutarco parece negar a sua criatividade ou liberdade para estabelecer uma metodologia própria para as biografias.

A descoberta, em 1912, do fragmento Βίος Εὐριπίδου, de Sátiro¹⁴ (POxy. 1176), datado do século II a.C., e a de outros papiros¹⁵ colocaram, no entanto, a hipótese da existência de biografia política na época helenística. Esses textos confirmam que a produção biográfica continuou na época helenística e que, mais importante ainda, se terão escrito biografias políticas¹⁶. Logo, sem retirar mérito ao pioneiro estudo de F. Leo¹⁷, parece-nos que as fronteiras entre as duas tradições não seriam tão rígidas¹⁸. Qualquer estudo sobre a biografia antiga debate-se, contudo, com o problema da falta de *testimonia*, pois, com exceção de Cornélio Nepos, Suetónio e Plutarco, poucos são os textos completos que nos

¹² Atribui-se-lhe uma obra intitulada *historika hypomnemata*, fonte importante para os biógrafos; sobre o nome «peripatético», vide *An seni resp.* 796D. A influência peripatética é evidente no tratado que defende a participação dos anciãos na atividade política, tal como os Estoicos; é curioso que na biografia de Cícero (cf. *Cic.* 24.5-6) surjam referências a Platão, Aristóteles e Teofrasto, autores imprescindíveis para se perceber a obra de Plutarco.

¹³ Leo 1901 contrapõe à biografia de Plutarco a de Suetónio, baseada numa estrutura temática, com uma caracterização direta, crítica e mais exata, por seguir a tradição alexandrina. Duff 2002r: 7-8 discorda quando escreve: «The differences between Plutarch and Suetonius should be assigned not to the influence of literary traditions or sources which they blindly followed, but to their own choice, their own conception of the biographer's task and their own cultural identity». No caso de Suetónio, influenciou a sua biografia a ideologia do Principado e a tradição retórica romana do *encomium*.

¹⁴ Cf. Gallo 1997: 167-84 e 1997r: 7-39; o mesmo filólogo italiano refere-se ao Βίος Εὐριπίδου com as seguintes palavras: «L'estremo interesse della *Vita di Euripide* di Satiro, pur nella sua frammentarietà, era ed è dovuto principalmente al fatto che essa costituisce il più antico esempio di biografia costituita in genere letterario, con sue regole, strutture e funzione» (*op. cit.*: 168); Paton 1913: 131-2, pouco depois da descoberta do papiro, aponta algumas reminiscências verbais entre este e *De adul.* 68B e *Coniug. praec.* 141B.

¹⁵ Cf. Larsen 1942.

¹⁶ Geiger 1985, apesar disso, afirma que «political biographies of this kind [refere-se às de Plutarco] did not exist in the Hellenistic age».

¹⁷ O estudo deste filólogo admite a influência de biografias helenísticas no esquema plutarquiano, nomeadamente por meio de Aristóxeno, discípulo de Aristóteles; Momigliano 1991: 111 ss. chega mesmo a considerar plausível ter sido Aristóxeno o primeiro autor de biografias no Liceu e que a introdução de histórias anedóticas no género biográfico se deve a ele; parece-nos, no entanto, que a falta de textos não permite atribuir um papel tão relevante a este discípulo de Aristóteles, mas compreende-se que a intenção de F. Leo e A. Momigliano era a de provar a existência de biografias políticas na época helenística, uma teoria com a qual Geiger 1985: 57 não concorda.

¹⁸ Cf. Gentili & Cerri 1983: 80 ss., que mostram como é difícil distinguir biografia, encómio e historiografia antes da época helenística.

auxiliam neste campo de investigação. Por isso, alguns estudos¹⁹ procuraram comparar as obras desses três biógrafos, evidenciando as semelhanças e o facto de terem usado as mesmas fontes biográficas, de cariz político. Dessa forma, colocam a hipótese de ter havido uma escola dessas biografias no século II. M. A. Levi²⁰, mais atento às diferenças, admite a existência de biografias políticas antes do século I a. C., mas defende que Cornélio Nepos fez um trabalho de síntese, enquanto Plutarco ampliou a informação que lhe serviu de base.

Outros estudiosos tentam desvalorizar a influência da tradição peripatética no florescimento da biografia grega: A. Dihle²¹, observando o papel de Sócrates, considera o diálogo platónico *Apologia de Sócrates* uma biografia; H. Homeyer²², por sua vez, sustenta que as primeiras manifestações biográficas são as narrações sobre Ciro e Cambises em Heródoto, que considera o «pai da biografia»; A. Momigliano²³, seguindo esta corrente, propõe Cílix como o primeiro biógrafo. Acertada nos parece a opinião de I. Gallo²⁴, que defende ser pouco provável que a biografia grega se tenha iniciado na escola peripatética, mas que teria surgido numa fase anterior, em paralelo com a historiografia, tendo mais tarde sido estabelecida a canonização da biografia, embora o próprio estudioso italiano não precise o autor ou a data em que isso ocorreu.

Ainda que algumas dessas obras nos ajudem a perceber os primórdios da caracterização de uma personalidade, as teorias que interpretam essas realizações literárias como biografias têm sido, com o tempo, rejeitadas, pelo facto de faltar aos exemplos indicados uma clara intenção por parte dos autores de escrever uma biografia e por nem sempre, do ponto de vista formal, tais obras se poderem enquadrar nesse género. Contudo, de uma forma indireta e inconsciente, elas introduziram a ideia de individualização que nos levaria mais tarde à biografia. Ao contributo dos autores já referidos, juntamos o de Teágenes de Régio, autor de uma biografia de Homero (VI a. C.)²⁵, o de Cílix de Carianda que escreveu uma biografia, de cariz político, sobre Heraclides (início do século V a. C.), o de Xanto da Lídia que dedicou uma biografia a Empédocles²⁶ (finais do século V a. C.), e as obras de Íon de Quios e Estesímbroto de Taso²⁷. Com estes exemplos podemos verificar que a narrativa biográfica terá criado as suas raízes entre os séculos VI e V a. C.,

¹⁹ Por exemplo, Uxkull-Gyllenband 1927: 91-112.

²⁰ Levi 1955: 196-227.

²¹ Dihle 1956: 34.

²² Homeyer 1962: 75-85.

²³ Momigliano 1991t.

²⁴ Gallo 1997r: 169 e 2000: 12.

²⁵ Para Gallo 1997r: 175: «La prima attestazione di una biografia greca (...) che fa iniziarle la produzione biografica com Scilace di Carianda.»

²⁶ Cf. Diog. Laert. 8.63. e *FGrHist* 765 F 32-33.

²⁷ Sobre o contributo destes dois autores para o género biográfico, Mazzarino 1966: 86 s. nota que o valor e o significado que o *ethos* ganha na biografia se deve a estes autores.

sofrendo posteriormente diversas mutações e aperfeiçoamentos até ao momento em que se assumiu como género. Esse momento é difícil de precisar, ainda que haja a tendência para indicar os séculos IV e III a. C. como a altura provável para o início dessa produção enquanto género autónomo.

Gostaríamos ainda de referir o estudo de J. Bollansée²⁸ sobre os fragmentos de Hermipo de Esmirna (III a. C.), autor de uma obra intitulada Βίου τῶν ἐν παιδείᾳ διαλαμπάντων, que reúne numa obra, ou mais, a vida de ilustres oradores, filósofos e legisladores, como Pitágoras, Aristóteles, Teofrasto, Isócrates, entre outros. J. Bollansée chega à conclusão de que Hermipo terá sido o primeiro biógrafo grego. Este estudo só não é mais conclusivo porque se baseia em fragmentos, embora ajude a perceber que a atividade biográfica existiu e se terá mesmo intensificado na época helenística. Além disso, a obra de Hermipo foi influenciada na sua conceção e metodologia por Aristóteles e Calímaco. Sublinhe-se, ainda, que Plutarco recorre diversas vezes a Hermipo²⁹, discípulo de Calímaco pertencente à escola peripatética, facto que assume um significado que não deve ser menosprezado na análise das influências que recebeu dessa escola na composição das suas biografias.

Sem termos total certeza, acreditamos que os autores referidos terão desempenhado um papel relevante na criação e consolidação da biografia. Digno de nota é o facto de São Jerónimo, no prefácio à obra *Sobre homens ilustres* 1-2, além de confessar que pretende seguir Suetónio (Tranquilo), cita os seguintes autores gregos: Hermipo, Antígono, Sátiro, Aristóxeno; da parte dos autores latinos, refere Varrão, Santra, Nepos e Higino.

Em resumo, listamos os primeiros autores que escreveram obras de cariz biográfico:

VI-V a.C.	Teágenes de Régio ³⁰ , biografia de Homero
VI-V a.C.	Cílix de Carianda, <i>Vida de Heraclides</i> ³¹
V a.C.	Xanto da Lídia, biografia de Empédocles
V a.C.	Estesímbroto de Taso, <i>Sobre Temístocles, Tucídides e Péricles</i>

²⁸ Bollansée 1999; trata-se de um filólogo que incorpora o projeto que visa dar continuidade à monumental obra *Die Fragmente der griechischen Historiker* de F. Jacoby.

²⁹ Cf. *Lyc.* 5.4, 23.2, *Sol.* 2.1, 6.7, 11.2, *Per.* 32.1, 33.8, *Alex.* 54.1, *Dem.* 11.4, 28.3, 30.1; *De gen. Socr.* 586E e 598E, *X or. uit.* 839E e 849C; Cf. Piccirilli 1977: 1007-16 e Bearzot 1985: 31-34 (Hermipo, fonte usada por Plutarco para o *bios* de Fócion); em *Dem.* 5.7 faz referência a umas memórias anónimas (ἀδῆσποτα ὑπομνήματα) consultadas por Hermipo; segundo alguns, a biografia que Ctesíbio de Cálcis escreveu sobre Demóstenes terá chegado ao conhecimento de Plutarco por intermédio de Hermipo.

³⁰ Citado por Taciano, autor cristão do séc. II, por ter sido um dos autores a escrever a biografia de Homero: «Quanto à poesia de Homero, o seu género de vida (*genos*) e sobre a época em que viveu, os mais antigos foram Teágenes de Régio, Estesímbroto de Taso, Antímaco de Cólofon, Heródoto de Halicarnasso, Dionísio de Olinto (...); Taciano, *Graec.* 31.

³¹ Trata-se de Heraclides de Milasa; cf. *FGrHist* 709 T1.

V a.C.	Íon de Quios, <i>Fundação de Quios, Memórias</i> (faria parte da obra <i>Epidemiai</i>)
V a.C. (c.445)	Antístenes de Atenas ³²
V a.C.	Timeu de Locros, <i>Vida de Pitágoras</i>
V a.C.	Isócrates, <i>Evágoras</i>
V. a.C.	Xenofonte, <i>Memoráveis, Ciropedia, Agesilau</i>
V. a.C.	Platão, <i>Apologia de Sócrates, Fédon e Górgias</i>
IV a.C.	Hermodoro de Siracusa, <i>Sobre Platão</i>

São identificadas, deste modo, duas tradições biográficas: a Peripatética (ético-política; a narrativa segue uma linha cronológica), talvez inventada por Aristóxeno, e a Alexandrina (mais erudita; sem sequência cronológica e que expõe o carácter e as conquistas dos biografados), como sucede em Suetónio. Ainda que tenha vantagens metodológicas, esta classificação das narrativas biográficas omite contudo, a possibilidade de existência da tradição biográfica já no período pré-clássico e clássico e, além disso, não considera a hipótese de a biografia combinar as duas teorias.

1.2. AS PRINCIPAIS FONTES

As principais fontes para o estudo das origens do género biográfico são *testimonia* e *fragmenta*, uma vez que as obras se perderam e restam apenas alusões, referências ou citações. Tal como a produção historiográfica do período helenístico, também a escrita de vidas sofreu semelhantes problemas de transmissão, salvo algumas exceções. Incluímos na lista das principais fontes os seguintes autores: Aristóxeno de Tarento, Fânicas de Éreso, Hermodoro de Siracusa, Hermipo de Esmirna, Antígono de Caristo, Dicearco, Pseudo-Calístenes, Sátiro e já do século I, muito provavelmente, a biografia *Vida de Esopo* de autoria desconhecida. Quando abordarmos a produção biográfica no período helenístico, salientaremos alguns aspectos sobre este conjunto de autores e respectivos textos.

Uma outra fonte importante é precisamente Diógenes Laércio, ele próprio autor de uma coleção de biografias filosóficas, intitulada *Vidas e opiniões de filósofos ilustres*. Nos dez livros, podemos encontrar várias referências, a saber: Dicearco, como autor de vidas (1.40,41; 3.4, 38, 46; 8.40); Timóteo, *Sobre Vidas* (3.5, 4.4, 5.1, 7.1); Antígono de Caristo³³ («escreveu biografias»; 4.17, 9.110) autor de uma obra intitulada *Vida dos filósofos* que serviu de fonte para muitos historiadores e doxógrafos, com a particularidade de os filósofos referidos nessa obra serem quase todos contemporâneos e de o autor conhecer pessoalmente

³² Cf. Diog. Laert. 6.15-18.

³³ Dorandi 1999.

alguns; Xenócrates, *Sobre Vidas* (4.12); Hermipo (*passim*, um dos autores mais vezes referido); Sátiro («nas suas *Vidas*»; 2.12, 6.80, 8.53, 8.58); Díocles, autor de *Vidas dos filósofos* (2.54, 2.82); Teofrasto, *Vidas*, em 3 livros (5.42) e *Sobre Empédocles* (5.43); Estráton, *Sobre Vidas* (5.59); Heraclides, *Sobre as Vidas*, em dois livros (5.87); *Epítome às Vidas de Sátiro* (8.40); Antístenes de Atenas (6.15-18).

De facto, nem só as narrativas de vidas ou a historiografia contêm material biográfico. Também as entradas de enciclopédias, como a *Suda* ou a *Biblioteca* de Fócio, os epitáfios, os livros *De viris illustribus*, as cartas ou as *laudationes* são preciosas fontes para estudar a ampla latitude da biografia na Antiguidade. Saliente-se que as próprias obras biográficas se tornam uma fonte crucial, uma vez que os autores citam outros autores, permitindo, com algumas limitações, reconstituir o *corpus* principal da biografia antiga.

1.3. BIOGRAFIA E HISTORIOGRAFIA

A biografia tem, sem dúvida, um carácter híbrido e convoca a intertextualidade, pois toca o mito, a épica, a tragédia e a retórica, entre outros. Apesar de se concentrar numa vida, o biógrafo mantém um olhar atento ao contexto político, cultural e social, estabelecendo paralelismos, mais ou menos explícitos, com outras épocas.

Antes de estabelecermos a relação entre biografia e historiografia, refira-se que o género encomiástico³⁴, cultivado em especial no século IV a. C., terá dado um contributo decisivo para a génese da biografia. Os exemplos geralmente referidos são dois encómios: o *Evagoras* (*orat.* 9) de Isócrates³⁵ e o *Agésilau* de Xenofonte³⁶ – com diferenças no seu esquema formal, uma vez que o primeiro está mais de acordo com o *epainos* e o segundo com o *enkomion* –, que procedem à caracterização histórica de uma personagem, em função dos seus feitos, descrevendo diversos traços do carácter dos protagonistas. Apesar das semelhanças, porém, não podemos confundir encómio com biografia³⁷, pois enquanto o encómio tem claramente como objetivo a idealização da personagem, o que condiciona a seleção das fontes, a biografia procura descrever o *ethos* das personagens, com as suas virtudes e defeitos, ora elogiando, ora criticando, concentrando nesse aspecto a força persuasiva dos princípios enunciados, como Aristóteles defende na *Retórica*³⁸.

³⁴ Há quem estabeleça uma relação entre este género e o epitáfio, as *imagines maiorum* ou a *laudatio funebris* dos Romanos.

³⁵ ἄνδρος ἀρετὴν διὰ λόγων ἐγκωμιάζειν (*Evag.* [9] 8.2); Race 1987: 131-55 compara este texto com alguns epinícios de Píndaro.

³⁶ Xenofonte descreve o carácter de Agésilau ἀπὸ γὰρ τῶν ἔργων (1.6); refira-se, ainda, que algum do material historiográfico usado no *Ages.* é partilhado com as *Hell.*, sinal da proximidade dos géneros e da metodologia de trabalho do autor.

³⁷ Jenkinson 1973: 703-19, num artigo que ajuda a contextualizar a biografia de Cornélio Nepos, classifica os referidos textos de Isócrates e Xenofonte como «biografia encomiástica».

³⁸ Cf. *Rhet.* 1356a.

Historiografia, encómio e biografia partilham, de facto, várias semelhanças e, em especial, debruçam-se sobre povos, personagens, acontecimentos e caracteres, enfatizando cada um desses géneros aspectos distintos³⁹.

Biografia e historiografia partilham o uso da prosa, o recurso a discursos, o uso de fontes, a referência aos intervenientes na ação e destinam-se a um público semelhante. Tendo em conta este conjunto de similitudes, não nos surpreende a proximidade que mantiveram na Antiguidade Clássica. Também se podem identificar diferenças, ainda que pouco acentuadas e com limites muito ténues.⁴⁰ Por norma, a biografia dedica-se mais a assuntos privados, do nascimento até à morte, enquanto a historiografia, numa visão mais macro e trans-temporal, prefere enfatizar os assuntos públicos, da ascensão até à queda ou morte dos protagonistas. No fundo, a biografia estrutura-se a partir de uma vida, enquanto a historiografia se concentra mais na ação, nas suas causas e consequências. Estas diferenças têm implicações na própria estrutura interna e na sequência de temas.

Para problematizarmos um pouco esta questão da proximidade entre os dois géneros, consideramos que Políbio e Dionísio de Halicarnasso nos oferecem dois bons testemunhos da complexa relação entre biografia e historiografia⁴¹. É elucidativo o que escreve Políbio sobre a biografia que dedicou a Filopémen e a relação dessa obra com as *Historiae*⁴², palavras que encontram eco na conceção das biografias de Plutarco⁴³. Políbio, de facto, pretende que se dê mais valor ao

³⁹ Em *Sol.* 27, por exemplo, reivindica a utilidade e o benefício de utilizar fontes tradicionais sobre o encontro simbólico entre Sólon e Cresos, isto é, entre duas civilizações diferentes.

⁴⁰ Sobre este assunto, *vide* Press 1982, Kraus 1999 e McGing & Mossman 2006.

⁴¹ Refira-se que também Tito Lívio, na *praefatio* da sua narrativa histórica, afirma que irá contar como o Império se gerou e como cresceu por meio da forma de vida, dos costumes, dos homens e das políticas.

⁴² 10.21.2-7 (cf. 16.14.6): Uma vez que o percurso da narração nos colocou no início da atividade pública de Filopémen, julgamos ser conveniente fazer para ele algo semelhante ao que tentámos para outros homens distintos, que foi apresentar a formação e a natureza de cada um deles. Na verdade, é absurdo que os historiadores de fundações de cidades expliquem quando, como e por quem foram fundadas, e ainda revelem, para demonstração, as condições e as vicissitudes em que isso sucedeu, mas dos homens que dirigiram estas empresas silenciam a sua formação e as suas ambições, as quais têm uma grande variedade de proveitos, na medida em que é mais profícuo admirar e imitar os homens vivos do que as construções sem vida. Desse modo, é mais conveniente para o aperfeiçoamento dos ouvintes a obra que trate dessas coisas. Se, no entanto, não tivéssemos composto sobre esse homem [Filopémen] uma obra à parte, na qual explicávamos quem era, de quem descendia e a formação que recebeu enquanto jovem, era necessário ter em conta o que havia sido dito sobre cada um destes assuntos. Mas como antes, excetuando esta obra, escrevemos uma sobre este homem em três livros, onde expusemos a sua formação na infância e as ações mais famosas, torna-se evidente que, na presente narração, conviria tirar o que concerne à formação e às ambições na juventude. No entanto, ao que na outra obra apresentámos de forma sumária juntamos agora o que diz respeito ao momento alto da vida dele, uma vez que convém respeitar cada uma das duas obras. (salvo outra indicação, as traduções neste artigo são da nossa autoria).

⁴³ Não esqueçamos que as variadas referências a Políbio provam o conhecimento que Plutarco tinha da sua obra (cf. Helmbold & O'Neil 1959: 63-4), usando o historiador de Megalópolis

homem, quer à sua formação quer às suas ambições, e não apenas às ações que empreendeu, uma vez que a sua obra tem por objetivo a *epanorthosis* dos ouvintes ou leitores por meio de coisas vivas, ou seja, o homem, autor da ação. Em verdade, entendia o historiador de Megalópolis que escrever história deveria ter um *telos* didático que os leitores entendessem, objetivo que estava acima da beleza estética do texto. Além disso, é o próprio Políbio que nos fala da obra que dedicou a Filopémen, e que na obra que está a escrever no momento não pretende repetir o que já havia escrito, apenas dar agora mais relevo à *akme*. Infelizmente os três livros dedicados a Filopémen não chegaram até nós para permitirem uma maior avaliação do seu conteúdo. Ainda assim, por aquilo que o historiador regista haveria certamente pontos de contacto entre as formas biográficas dos dois autores.

No caso de Dionísio de Halicarnasso, também as suas palavras se revelam muito significativas, pois defendia que a escrita histórica não podia alhear-se da descrição do carácter⁴⁴, valorizando a exposição de aspectos relacionados com a conduta de vida dos protagonistas da História.

Quanto à relação entre os dois géneros, recordamos que Políbio e Dionísio de Halicarnasso provam essa proximidade⁴⁵, pois pretenderam aprofundar nas suas obras aspectos intimamente relacionados com o indivíduo (a génese, a formação, o carácter, a conduta, *inter alia*), aquilo que na biografia de Plutarco ocupa o primeiro plano. Na verdade, Políbio e Dionísio de Halicarnasso mostram como num registo literário distinto existem elementos que se repetem, na medida em que o autor de história ou de biografia trabalha com ações e indivíduos, cabendo-lhe determinar uma metodologia própria para os seus propósitos, sem deixar de ter um fim educativo, embora a biografia procure uma educação mais moral e a história, por sua vez, uma educação mais direcionada para a política⁴⁶.

Sobre este tópico, gostaríamos de sublinhar que a conciliação das duas artes narrativas é possível e até desejável, uma vez que ambas desenvolvem junto dos leitores perspectivas interpretativas complementares. O facto de os autores antigos terem a necessidade de afirmar que escreviam vidas e não história, como é o caso de Cornélio Nepos e Plutarco, permite-nos concluir que o prestígio da

como fonte válida: e.g. *Phil.* 16.4 (cf. *Pol.* 21.32.3) e *Cat. Ma.* 10.3 (cf. *Pol.* 19.1), embora também haja casos em que o critique: *De fort. Rom.* 325F (cf. *Pol.* 2.18.3) e *Aem.* 15.5 (cf. *Pol.* 29.14).

⁴⁴ *Ant. rom.* 5.48.1: Durante o consulado destes, morreu de doença Públio Valério, chamado Públicola, considerado superior em virtude a todos os homens do seu tempo. Não preciso de referir outras ações deste homem, pelas quais é digno de ser admirado e recordado, pois no início desta narração referi muitas delas. Porém, o que é mais admirável de todos os elogios deste homem ainda não o mencionei, o que penso que não se deve omitir, pois, acima de tudo, considero que interessa ao que escreve histórias não apenas expor as ações guerreiras de distintos generais, nem somente se por sua iniciativa estabeleceram uma política conveniente e segura para as suas cidades, mas também descrever abertamente as suas vidas, se levaram uma vida com mesura e temperança, permanecendo fiéis aos costumes da pátria.

⁴⁵ Cf. *Nic.* 1.5 (história e biografia).

⁴⁶ Cf. Desideri 1992a: 4473.

biografia era menor e se foi consolidando. Tal como a historiografia, a biografia resulta da combinação equilibrada de forma e temática, constituindo os dois géneros, com estilos distintos, uma forma de imortalização de feitos. Se Plutarco recorreu a fontes historiográficas para compor as vidas, também as suas biografias se transformaram numa enciclopédia com elevado valor cultural e histórico.

1.4. BIOGRAFIA E FILOSOFIA

A dimensão multifacetada da biografia também advém da sua relação com o pensamento filosófico.⁴⁷ Esta interligação merece várias interpretações que, de forma sucinta, passaremos a enunciar.

Desde logo, a evolução da escrita de vidas foi influenciada, na Antiguidade, por preceitos filosóficos, nomeadamente da escola peripatética e do estoicismo, tanto ao nível da forma, como, em especial, do conteúdo. Na história da biografia antiga, regista-se uma tendência para narrar vidas de filósofos, seja de forma isolada, como a *Vida de Pitágoras* de Porfírio, seja de forma coletiva como Eunápio de Sardes. Se esta marca da biografia antiga demonstra a importância da filosofia, também pode significar a necessidade de registar os ensinamentos dos filósofos, na maioria dos casos transmitidos sobretudo por meio da oralidade.

Tomando por base Nepos, Suetónio e Plutarco, a própria narrativa de vidas pode abrir um espaço de reflexão filosófica, a saber: a) as circunstâncias do nascimento e do crescimento podem determinar o carácter do indivíduo; b) a *physis* pode ser moldada ao longo da vida, por ação própria ou por vivências determinantes (por exemplo, a guerra); c) a influência da *paideia* no *ethos* e os limites da *paideia*; d) perante as adversidades, torna-se complexo conter o excesso e manter a razão, de forma a optar pelas melhores decisões, enfatizando-se o valor da racionalidade na ação; e) a ação humana está dependente de fatores externos que muitas vezes não se conseguem prever nem amenizar; f) o sucesso depende mais da natureza do indivíduo ou da própria *tyche/fortuna*?; g) a morte constitui um final trágico ou é simplesmente a constatação da finitude humana? Estas e outras reflexões ou questões contribuem para a densidade filosófica de muitas biografias e constituem por si, um dos temas que suscita a curiosidade do leitor.

1.5. TEMÁTICAS

Na verdade, a leitura de vidas guia-nos por temáticas diversas com o objetivo de caracterizar o biografado. Do nascimento à morte, o conjunto de temáticas pode variar, tal como a sua valorização na estrutura interna. Por conseguinte, a categoria de biografia e a abordagem temática estão interligadas. Como metodologia,

⁴⁷ Recomenda-se sobre a relação entre biografia e filosofia o conjunto de estudos editados por Bonazzi & Schorn 2016.

seguimos as categorias da biografia antiga definidas por Momigliano e Stadter: biografia filosófica, biografia literária, biografia escolar ou por referências (semelhante às nossas enciclopédias), encómios, vidas de quem faleceu recentemente, autobiografias, comentários e memórias, biografia política ou histórica. Esta classificação dá um apoio importante, no entanto não nos permite superar problemas de categorização de algumas biografias: por exemplo, a vida de Sólon, de Plutarco, aborda temas políticos, filosóficos e também literários, sucedendo o mesmo com a vida de outras figuras relevantes. Ou seja, as biografias combinam, muitas vezes, temas, por meio de diferentes formas, com ou sem comparação, com ou sem diálogo, com ou sem discursos longos.

Em linhas gerais, selecionaríamos como principais temas os seguintes: a) a complexidade da natureza humana; b) o papel da educação ou de outros contributos para a formação do indivíduo (família ou vivências especiais); c) os aspectos políticos ou relacionados com a participação cívica; d) a caracterização ética, com referência a valores culturais; e) a mobilidade dos biografados, por meio da relação com o espaço e as suas consequências no *ethos*; f) o sentido da condição humana. Estes temas e a sua valorização na narrativa não são constantes em todas as biografias. Por regra, a caracterização do *ethos*, por meio da descrição de ações, torna-se estruturante, mas é acompanhada por outros tópicos, como a ascendência ou origem, o nascimento e as circunstâncias em que o biografado cresceu, bem como a educação, tanto física como mental. São também importantes os temas da natureza do indivíduo e factores de mutabilidade ou a morte e o pós-morte (por exemplo, o legado do biografado é um tema muito presente em Suetónio ou nas hagiografias). Para a construção do retrato, não só recorre o biógrafo a fontes históricas, mas a pequenas histórias (*chreiai*), de carácter anedótico, que auxiliam a narrativa e que fariam parte da tradição, sobretudo oral.

Quando se aborda o tema estruturante da biografia, importa ter em conta um aspecto que poderá ter condicionado um autor na selecção de temas: o destinatário da vida, seja ou não identificado de forma explícita. Assim, há em certos casos um destinatário definido, como sucede nas *Vidas* de Plutarco, que dedica as biografias ao seu amigo romano Q. Sósio Senecião ou as *Vidas de Sofistas* de Filóstrato, dedicadas a António Gordiano, um procônsul, que teve como antepassado o sofista Herodes. Noutras biografias, o destinatário não é identificado, mas seriam do interesse de políticos, de eruditos ou de quem exercia atividade direta na educação.

2.1. A BIOGRAFIA NO PERÍODO HELENÍSTICO

O período helenístico terá sido, como referimos, decisivo para a consolidação e autonomia do género biográfico, convivendo de perto com uma riquíssima e vasta produção historiográfica, como prova a recolha dos fragmentos de F. Jacoby e da equipa que continua a trabalhar os textos.

c. 370 a.C.	Aristóxeno de Tarento ⁴⁸ , <i>Vida de Pítágoras; Vida de Sócrates; Vida de Arquitas</i>
IV a.C.	Fânias de Éreso
2. ^a metade do séc. III a.C.	Hermipo de Esmirna, <i>Sobre legisladores; Sobre os sete sábios; Sobre Pitágoras; Sobre Aristóteles; Sobre Górgias; Sobre Isócrates; Sobre Hipónax</i>
c. 290 a.C.	Antígono de Caristo, <i>Vida de Pirro, Vida de Tímon, Vida de Pólemo, Vida de Crantor, Vida de Crates, Vida de Adimanto, Vida de Arcesilao, Vida de Lícon, Vida de Menedemo, Vida de Zenão</i>
c. 290 a.C.	Dicearco de Messana, <i>Sobre vidas</i> ⁴⁹ ; <i>Vida de Grécia</i> ⁵⁰
III a.C. (?)	Pseudo-Calístenes, <i>Vida de Alexandre</i>
2. ^a metade do séc. II a.C.	Sátiro ⁵¹ , <i>Vida de Eurípides</i>
I d.C. (?)	<i>Vida de Esopo</i> ⁵²

Embora a maioria dos textos sejam fragmentos, é possível verificar uma tendência para a biografia de filósofos. Há a realçar a biografia coletiva *Os legisladores* ou a dos sete sábios, de Hermipo, mas também o facto de Dicearco ter escrito uma biografia da Grécia, obra que teria certamente um marcado cariz histórico. Há mais dois apontamentos que merecem referência: por um lado, o facto de Sátiro ter escrito um texto narrativo em forma de diálogo, algo singular neste conjunto de textos, num estilo que mistura biografia e crítica literária; por outro lado, a *Vida de Esopo* acentua os elementos cómicos ou anedóticos na biografia, num romance com tendência biográfica, uma forma narrativa muito explorada nos nossos dias. Num registo diferente, a biografia de Alexandre de Quinto Cúrcio conjuga o registo de uma biografia romanceada com elementos históricos.

2.2. A BIOGRAFIA ROMANA

Em geral, os estudos costumam agrupar a produção biográfica romana (Nepos, Nicolau de Damasco, Tácito, Suetónio) sob o título: ‘Biografia política’.

⁴⁸ Plut. *Non posse suaviter* 1093C, refere a sua obra *Βίους ἀνδρῶν*.

⁴⁹ Coleção de biografias reagrupadas sob um único título ou entendido como um tratado ético sobre géneros de vida. Também Crisipo e Epicuro escreveram tratados com o mesmo título, mas que são tratados éticos.

⁵⁰ Obra sobre a história da Grécia e a sua evolução cultural.

⁵¹ Schorn 2004.

⁵² A maioria dos especialistas data o texto do fim do século I d. C. ou séc. II. Para Adrados 1979, o arquétipo seria uma vida helenística do século III a. C., por causa das fábulas que integram o relato, pertencente à coleção de fábulas de Demétrio de Faleros; no entanto, Andria 1995, considerando vários testemunhos de Esopo contidos em Heródoto, Aristóteles, Heraclides de Samos ou Aristófanes, defende que este relato retoma uma Vida de Esopo composta no século V ou mesmo no séc. VI a. C.

Contudo, como veremos, essa designação genérica não significa que os processos de narrativa biográfica sejam iguais.⁵³

Quanto a Nepos (100-27), das mais de trezentas biografias da coleção *Sobre homens ilustres (De viris illustribus)* quase nada nos chegou.⁵⁴ Do conjunto intitulado *Sobre generais de nações estrangeiras*, temos 22 biografias (de gregos), com uma parte no final sobre reis e as biografias de Amílcar e Aníbal. De um outro livro, restam as biografias de Catão Censor e Ático. A conceção de Nepos terá desempenhado um papel crucial na tradição biográfica, seja pelo uso das fontes, seleção de biografados, extensão da narrativa, organização temática e também pela sua tendência comparativa. No prólogo programático da vida de Epaminondas, consciente da diferença cultural entre Gregos e Romanos, Nepos avisa os seus leitores romanos de que devem ter em conta que descreverá costumes estrangeiros e o estilo de vida, alguns deles escandalosos, mas que pertencem ao domínio privado, acrescentando outras ações, as *res gestae*. Esses dois contextos, o privado e o público, são a base da *imago vitae*, que se estrutura desde a ascendência (*genus*), a educação, os costumes (*mores*) até às *res gestae*. Enfatizando o princípio da *brevitas*, Nepos, ao estilo da historiografia, entende que a biografia deve compreender a totalidade na narrativa da vida, por meio de uma ordem cronológica bem estabelecida, em que seja possível descrever costumes e características pessoais. Também para esclarecer o propósito da sua obra, Nepos, no prólogo da biografia de Pelópidas, revela ter a intenção de escrever biografia e não história, o que para alguns estudiosos significa que o leitor romano estaria mais familiarizado com a historiografia do que com a biografia. Ora, a diferença, para Nepos, reside sobretudo no facto de a história se deter de forma exaustiva na explicação das *res gestae*, enquanto a biografia seleciona e resume. Da leitura da biografia plutarquiiana, conseguimos facilmente estabelecer uma relação com a conceção biográfica de Nepos, um tema que nem sempre foi valorizado no estudo da biografia antiga. Na verdade, deve-se sobretudo a J. Geiger⁵⁵ a revitalização do posicionamento fundamental de Nepos na tradição biográfica antiga.

Composta provavelmente em 98 d.C., a biografia de Agrícola⁵⁶ é um bom exemplo da proximidade dos dois géneros (história e biografia). Tácito, num tom encomiástico⁵⁷ e próximo do registo de uma *laudatio funebris*⁵⁸, celebra o exemplo de um homem reto que se empenhou na carreira política, num momento em que

⁵³ Cf. Baldwin 1983 e Brugnoli 1995.

⁵⁴ Sobre a biografia de Nepos, *vide* ainda Ramon Palerm 1992, Titchener 2003, Beneker 2009 e Stem 2012.

⁵⁵ Geiger 1985.

⁵⁶ Sobre esta biografia, remetemos para o estudo de Gerjanne van den Berg que integra este volume de estudos.

⁵⁷ Na linha da homenagem, recorde-se a biografia *De vita patris*, de Séneca.

⁵⁸ Birley 2009: 49 classifica esta obra com as seguintes palavras: «a belated funerary encomium».

o Império vivia uma fase conturbada. Nesta biografia, explora-se a oposição entre a *pietas* e a política imperial ou entre o serviço público e o poder de Domiciano. Com marcas do estilo de Cícero, Salústio e Tito Lívio, a biografia de Agrícola não tem apenas um tom laudatório, mas é um documento com relevante valor político, uma vez que deixa vários avisos a Trajano e também à classe aristocrática. Como refere no prefácio (1.1), a intenção de Tácito é legar às gerações futuras os feitos e os costumes de um homem, constituindo-se esta biografia como um tributo às *virtutes* que Agrícola manifestou na sua ação política. Além da caracterização de Agrícola, sogro de Tácito, a estrutura da narrativa segue o percurso da sua carreira, com vários apontamentos culturais interessantes, nomeadamente sobre etnografia, processo de romanização e geografia da Britânia, facto que tem sido examinado com interesse pelos arqueólogos.

Ao contrário de Tácito, que se dedicou, sobretudo à historiografia, Suetónio (69-141) passa da narrativa histórica para a biografia histórica.⁵⁹ Na sua maioria, perderam-se as vidas da série *De viris illustribus* (ou *Catalogus virorum illustrium*), mas felizmente conservaram-se as doze biografias imperiais, quase completas, salvo o prólogo, o título, a dedicatória a Septício Claro e os primeiros capítulos da vida de César. Seguindo uma *ars* biográfica *per species* (*Aug.* 9.1), que se sobrepõe ao critério cronológico, Suetónio recolhe nas suas biografias muitas ações e características dos Imperadores, nomeadamente rumores e escândalos, com recurso a anedotas, que alimentam a curiosidade dos leitores. Entre vícios associados ao abuso de poder (luxúria, ganância ou crueldade) e virtudes (*honor* ou *pietas*), concentra-se a narrativa na individualidade de cada Imperador. Sendo uma obra que cumpre todos os requisitos da biografia, é de notar a metodologia própria da historiografia, com recurso a diversas fontes, inclusive a cartas e à própria tradição oral. Quanto à influência dos modelos gregos, mais do que a biografia encomiástica e a peripatética, Suetónio parece seguir, nas biografias imperiais, o estilo alexandrino, mas aplicando esse modelo a homens de ação política e não a filósofos ou a poetas. Na série *De viris illustribus*, em cinco livros, o modelo pode ter sido outro, uma vez que inclui poetas, oradores, historiadores, gramáticos e retores. Ainda que as biografias dos Imperadores variem na sua estrutura interna, podemos, de uma forma geral, considerar a seguinte sequência: *nomen* e ascendência, *res gestae*, *vita* e *mors*. Na parte relativa à vida, Suetónio costuma separar as ações privadas das públicas. Além disso, regista-se que algumas biografias não terminam com a descrição da morte, mas com o momento *post mortem*, nomeadamente com a referência ao *testamentum* ou à forma como o povo reagiu à morte do

⁵⁹ Para as características da biografia de Suetónio, *vide* Cizek 1977, Syme 1980, Gascou 1984, Brandão 2009 e 2004, Power & Gibson 2014; remeto, ainda, para o estudo de J. L. Brandão sobre Suetónio que integra este volume.

Imperador. Ao longo da vida, Suetónio é, por norma, mais analítico quando se dedica às ações privadas do que às públicas.

Estes breves apontamentos têm o objetivo de valorizar a produção biográfica romana na Antiguidade, também pelo seu papel na recepção deste género, podendo-se encontrar entre Nepos, sobretudo, e Plutarco várias semelhanças. Se Plutarco, um grego romanizado, escreveu para uma elite grega e romana, Nepos, um romano, fê-lo para romanos, numa perspectiva romanocêntrica⁶⁰, mas os dois pretendem escrever vidas e não histórias. Têm igualmente em comum a intencionalidade didático-moralizante, ainda que em contextos históricos e culturais distintos, sendo de registar que 12 biografados de Plutarco se encontrem em Nepos. Por fim, salientamos a influência retórica na composição das biografias: por um lado, o carácter epidíctico em jeito de *progymnasmata* e, por outro, o recurso à *chreia*, ao *enkomion* e à *synkrisis*.

2.3. A BIOGRAFIA GREGA (I D.C. A V D.C.)

O percurso e a diversidade da biografia grega, entre os séculos I d. C. e V d. C., comprovam as potencialidades do género e o seu valor cultural. Por isso, enunciaremos algumas das principais características da biografia durante esse período, no âmbito do contexto cultural da Segunda Sofística.

Neste período, é de Plutarco que temos a produção biográfica mais completa. Oscilando entre a dimensão ética e a política, Plutarco, num registo comparativo (Grego-Romano, raras vezes por ordem inversa), legou-nos uma narrativa biográfica que é também um exercício identitário fundamental para entender a cultura da época. A biopsicografia⁶¹ de Plutarco transforma a indagação histórica num meio para o objetivo central: aprofundar o *ethos*, na sua dimensão social e cultural. Na verdade, as biografias, com toda a profundidade filosófica e moral, não servem apenas para o próprio Plutarco encontrar paradigmas, no espelho da história, para a sua vida⁶², mas também para conseguir persuadir a sua audiência⁶³, constituída sobretudo pela elite grega e romana⁶⁴.

⁶⁰ Sobre a vontade romana de afirmar a igualdade com a cultura literária grega, *vide* Quint. 10.1.46-131, Luc. 1.926-30, Verg. *Ecl.* 6.1-2, Prop. 4.1.64, 2.34.65-6, 3.1.1-2; mais elementos sobre esta matéria no último capítulo.

⁶¹ Inspiramo-nos na designação «biopsicologia» usada por Becchi 2001.

⁶² Cf. *Aem.* 1.

⁶³ Para Pelling 2002: 253-65, o efeito que Plutarco procura criar é similar ao da tragédia junto da audiência; Stadter 2000: 494, contudo, sem contradizer esta opinião, prefere fazer uma leitura mais positiva e educativa do conteúdo das biografias e da retórica da persuasão.

⁶⁴ Segundo E. Valgiglio 1992: 4027: «Pare verosimile che il pubblico di Plutarco non sia in maggioranza un pubblico popolare, strumento di ampia divulgazione delle opere, ma sostanzialmente ristretto ad una minoranza, ad una élite, soprattutto ai giovani che intraprendono lo studio della filosofia e ad essa attendono...».

Num registo literário muito versátil, que recorre sobretudo ao diálogo, mas também a declamações ou a discursos, Luciano (*ca.* 125-181) dedica-se à narrativa biográfica, especialmente em três obras: *Alexandre ou o falso profeta*; *Sobre a morte de Peregrino*; *A vida de Demónax*. Realce-se o tom jocoso e paródico, por vezes irónico ou ainda elogioso, sem a intenção de narrar a vida desde o início. Em *Alexandre ou o falso profeta*, Luciano não refere a genealogia, nem o contexto familiar, nem as circunstâncias do nascimento; no caso de *Sobre a morte de Peregrino*, enfatiza a morte melodramática de Peregrino (imolação) e, na *Vida de Demónax*, escreve-a com a intenção de preservar a sua memória e de ele se tornar um paradigma para os jovens pela sua capacidade filosófica. Estamos, deste modo, perante uma biografia de temática filosófica.

Próxima do romance, temos a *Vida do filósofo Secundo* (II ou III d.C.), na linha da tradição popular da biografia, como a *Vida de Esopo*. Trata da vida de um filósofo cínico grego do tempo de Adriano (117-38) que, após o episódio com a mãe que se suicidara⁶⁵, faz voto de silêncio, respondendo a questões por escrito. A biografia que nos chegou, em estado fragmentário, denota uma elevada tendência ficcional e uma maior preocupação com o artificialismo retórico do que com a reflexão filosófica, numa sequência de pergunta-resposta, por regra, breve. Do ponto de vista cultural, esta narrativa de valor biográfico reflete, como tem sido apontado⁶⁶, uma perspectiva pessimista. Filóstrato refere um filósofo Secundo de Atenas que poderá ser o mesmo, mas não há certeza sobre isso.

Também de temática filosófica é a obra de Diógenes Laércio, de cariz enciclopédico. Quanto a Filóstrato (*ca.* 170-250), repete a temática, tanto na biografia individual intitulada *Apolónio de Tiana*, como na coletiva, *Vida dos Sofistas*. Por sua vez, tanto Porfírio como Jâmblico escreveram uma biografia de Pitágoras. Na linha de Diógenes Laércio e Filóstrato, Eunápio de Sardes escreveu uma extensa obra intitulada *Vida de Filósofos e Sofistas* (IV d. C.), pouco estudada entre nós. Sabemos que Hesíquio foi autor de biografias literárias (V d. C.), uma espécie de dicionário de biografias. Por fim, refira-se a *Vida de Tucídides* (VI d. C.) atribuída a Marcelino. Realçamos, de novo, a valorização da filosofia neste conjunto de biografias, a influência da retórica e uma tendência para acentuar a ficcionalização da narrativa de vidas.

⁶⁵ A história que nos chegou conta que Secundo, para provar que todas as mulheres eram prostitutas, regressou a casa, disfarçado de filósofo cínico. Terá, então, persuadido a mãe a dormir com ele a troco de moedas de ouro. Dormiram juntos, sem qualquer contacto, mas quando revelou à mãe a sua identidade, ela, por pudor, enforca-se. Depois deste episódio, Secundo decide cumprir voto de silêncio.

⁶⁶ Hägg 2012: 303.

3. CONCLUSÃO

Da Antiguidade aos nossos dias, a biografia tem desempenhado um papel literário e cultural significativo e também constante na História da Cultura Ocidental: fornece modelos inspiradores de imitação; celebra grandes feitos humanos ou de sociedades (biografia individual ou coletiva); exalta a própria imagem da arte; demonstra como uma vida individual toma uma forma significativa, ou seja, a decisão pessoal pode ter consequências coletivas, assim como o inverso; permite ou dilata o significado que se atribuiu ao papel do indivíduo na sociedade.

Desde a Antiguidade que a biografia, nas suas várias vertentes, gera conhecimento e oferece possibilidades de compreensão do Outro e do contexto sociocultural. Por um lado, cria significado cultural e, por outro, constitui-se como um reflexo da cultura de uma ou mais épocas. No caso da biografia de Plutarco, o retrato de vidas e ações, com ênfase na dimensão ética, permite lançar uma ponte entre duas culturas, colocadas em paralelo e com uma forte marca identitária⁶⁷.

Para muitos, a biografia, na sua génese, tem uma dimensão mais individual do que coletiva: prefere enfatizar a ação do indivíduo na sociedade e no seu tempo, ao passo que a História descreve e interpreta a ação protagonizada por indivíduos (micro *versus* macro). Não pretendemos ser tão assertivos nesta forma de distinção. Da conjugação entre Biografia e História resulta um quadro mais completo da ação humana. A biografia não dispensa a historiografia e o inverso também é verdade. Com registos e objetivos distintos, as duas complementam-se. Sem estar obrigada à descrição da totalidade, a biografia, tal como a história, contribui para a preservação da memória. Não visa, geralmente, o presente, mas alicerça-se na visão cultural de que o passado muito nos ensina. Por esta relação de proximidade e afastamento, a biografia é um exemplo de intergenerecidade, combinado a imagem do retrato e a ação.

Será toda a biografia autobiográfica? Evitando generalizações, um dos exercícios da análise de uma biografia é avaliar a presença do Autor, da sua conceção de cultura e do grau de subjetividade que imprime à narrativa, ou seja, se o tom é, por exemplo, excessivamente encomiástico ou, pelo contrário, incorre, de forma consciente, na manipulação histórica. Nesta relação de dependência e recíproca influência entre escrita e sociedade, a biografia assume-se como um valioso registo cultural – por exemplo, alguns estudos têm realçado o facto de a escrita, em tempos de pandemia, se tornar um pouco mais introspetiva. Também os mecanismos para criar uma relação com o leitor são muito relevantes. Na atual escrita de vidas, por exemplo, torna-se inevitável ter em conta o facto de a narrativa biográfica servir como forma de propaganda política ou de afirmação social, à semelhança do que acontecia na Antiguidade, se recordamos, por exemplo, Júlio César que escreveu, na 3.^a pessoa, a contar os seus próprios feitos. Nesses casos, é fundamental saber

⁶⁷ Cf. *De tranq. an.* 467E.

separar a verdade da ficção e educar os leitores para a correta leitura de vidas. Outro aspecto a ter em conta na atualidade é a quantidade e a variedade de paratextos. Por exemplo, a Rede X tem valor documental caso alguém queira escrever a vida de um político atual, se tivermos em conta que uma parte substancial da mensagem política é feita por meio dessa, ou de outras, redes sociais, com o objetivo de chegar a mais cidadãos.

Como vimos, a biografia assume-se como espaço de História pelo valor documental da sua narrativa, ainda que não seja apenas uma fonte de informação, mas também um instrumento de *mimesis*. Recorde-se que a informação sobre a vida de um filósofo ou de uma figura histórica não é um exclusivo da narrativa biográfica, pois outros registos contêm informações relevantes, como a prosopografia, a autobiografia, o panegírico, o encómio, a *laudatio funebris*, os epitáfios, os *exitus illustrium virorum*, a epistolografia ou a hagiografia e o relato de martírios. Acrescento a esta lista dois registos que são merecedores de menção pelo seu valor na tradição biográfica ocidental: as memórias e os diários, duas formas narrativas a explorar, em especial, na análise da atual narrativa biográfica, mas com origem na Antiguidade Clássica⁶⁸.

Concluimos com a ideia genérica de que a biografia é também uma forma de construção cultural a partir de paradigmas. Enquanto micro-história, construto cultural e pensamento estruturado, a biografia regista a pluralidade do passado, uma memória com vocação pedagógica e indagadora da personalidade humana: a natureza e a origem do indivíduo, o papel da *paideia*, as marcas identitárias, os valores éticos e morais, o sentido da condição humana, as razões do sucesso do indivíduo e a relação do biografado com a morte.

BIBLIOGRAFIA

- Aalders, G. (1982), *Plutarch's Political Thought*. Amsterdam, Oxford/New York: North-Holland Publishing Company.
- Adrados, F. R. (1979), *Historia de la fábula greco-latina*. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense.
- Andria, R. (1995), «Il bios di Esopo e i primordi della biografia», in I. Gallo & L. Nicastrì (eds.), *Biografia e autobiografia degli antichi e dei moderni*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 41-56.
- Baldwin, B. (1983), «Biography at Rome», in B. Baldwin, *Suetonius*. Amsterdam: 66-100.
- Barbu, N. (1976), *Les Procédés de la peinture des caractères et la Verité historique dans les biographies de Plutarque*. Roma: L'Erma di Bretschneider.
- Baslez, M.-F., Hoffmann, P. & Pernot, L. (1993), *L'Invention de l'Autobiographie: d'Hésiode à Saint Augustin*. Paris: Presses de l'École normale supérieure.

⁶⁸ Recorde-se, por exemplo, as memórias de Agripina, mãe de Nero.

- Bearzot (1985), *Focione tra storia e trafigurazione ideale*. Milano: Vita e Pensiero.
- Becchi, F. (2001), «Biopsicologia e giustizia verso gli animali in Teofrasto e Plutarco», *Prometheus* 27: 119-35.
- Beck, M. (ed.) (2014), *A Companion to Plutarch*. Malden/Oxford: Blackwell.
- Beneker, J. (2009), «Nepos' biographical method in the *Lives of foreign generals*», *CJ* 105.2: 109-21.
- Birley, A. R. (2009), «The *Agricola*», in A. J. Woodman (ed.), *The Cambridge Companion to Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 47-58.
- Bollansée, J., Engels, J., Schepens, G. & Theys, E. (eds.) (1998), *Felix Jacoby: Die Fragmente der griechischen Historiker Continued; Part Four; Biography and antiquarian literature; IVa; Biography; Fascicle 1; The Pre-Hellenistic period*. Leiden/Boston: Brill.
- Bollansée, J. (1999), *Hermippos of Smyrna and his biographical writings: A reappraisal*. *Studia Hellenistica* 35. Leuven: Peeters.
- Bonazzi, M. & Schorn, S. (eds.) (2016), *Bios Philosophos. Philosophy in Ancient Greek Biography*. Turnhout: Brepols.
- Brandão, J. L. (2004), «Retratos dos Césares em Suetónio: do *Eidos* ao *Ethos*», in A. Pérez Jiménez, J. R. Ferreira & M. C. Fialho (eds.), *O Retrato Literário e a Biografia como Estratégia de Teorização Política*. Coimbra/Málaga: Imprensa da Universidade de Coimbra/Universidad de Málaga, 83-114.
- Brandão, J. L. (2009), *Máscaras dos Césares: Teatro e Moralidade nas Vidas Suetonianas*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.
- Brugnoli, G. (1995), «Nascita e sviluppo della biografia romana: Aspetti e problemi», in I. Gallo & L. Nicastrì (eds.), *Biografia e autobiografia degli antichi e dei moderni*. Naples: Edizioni Scientifiche Italiane, 79-107.
- Burdiel, I. & Foster, R. (eds.) (2015), *La Historia Biográfica en Europa. Nuevas Perspectivas*. Zaragoza: IFC.
- Busine (2002), *Les Sept Sages de la Grèce antique. Transmission et utilisation d'un patrimoine légendaire, d'Hérodote à Plutarque*. Paris: De Boccard.
- Burridge, R. (1997), «Biography», in S. Porter (ed.), *Handbook of Classical Rhetoric in the Hellenistic Period 330 B.C.-A.D. 400*. Leiden/New York/Köln: Brill, 371-91.
- Cerri, G. (2001), «Biografia, storiografia, dialogo: I generi letterari in Plutarco», *MediterrAnt* 4: 413-26.
- Cizek, E. (1977), *Structures et idéologie dans «Les vies de douze Césars» de Suétone*. Paris: Les Belles Lettres.
- De Lacy, P. (1952), «Biography and Tragedy in Plutarch», *AJPh* 73: 159-71.
- De Temmerman, K. (2020), *The Oxford Handbook of Ancient Biography*. New York: Oxford University Press.

- De Temmerman, K. & Demoen, K. (ed.) (2016), *Writing Biography in Greece and Rome. Narrative Technique and Fictionalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Desideri, P. (1989), «Teoria e Prassi storiografica in Plutarco: una proposta di lettura della coppia Emilio Paolo-Timoleonte», *Maia* 41: 199-215.
- . (1992a), «La Formazione delle Coppie nelle ‘Vite’ plutarchee», *ANRW II.33.6*: 4470-86.
- . (1992b), «I documenti di Plutarco», *ANRW II.33.6*: 4536-67.
- Dihle, A. (1956), *Studien zur Entstehung der griechischen Biographie*. Göttingen: Vandenhoeck u. Ruprecht.
- Dorandi, T. (1999), *Antigone de Caryste: Fragments*. Collection des Universités de France. Paris: Les Belles Lettres.
- Duff, T. (2002r), *Plutarch's Lives. Exploring Virtue and Vice*. Oxford: Oxford University Press.
- Edwards, M. & Swain, S. (eds.) (1997), *Portraits. Biographical Representation in the Greek and Latin Literature of the Roman Empire*. Oxford: Clarendon Press.
- Ehlers, W. (ed.) (1998), *La Biographie Antique*. Entretiens sur l'Antiquité Classique 44. Vandoeuvres-Genève: Fondation Hardt.
- Frazier, F. (2016²), *Histoire et morale dans les Vies Parallèles de Plutarque*. Paris: Les Belles Lettres.
- Fuscagni (2000), «Le Vite come genere letterario ovvero Plutarco: uno storico e il suo genere», in I. Gallo & C. Moreschini (Eds.), *I generi Letterari in Plutarco (Atti del VIII Convegno Plutarco, Pisa, 2-4 giugno 1999)*. Napoli: M. D'Auria Editore, 19-28.
- Gallo, I. (1974), «L'origine e lo sviluppo della biografia greca», *QUCC* 18: 173-86.
- . (1990), «Problemi vecchi e nuovi della biografia greca», *Quad. Del Liceo Class* 13: 9-27.
- . (1997), «Nascita e Sviluppo della Biografia Greca: Aspetti e Problemi», in *Studi Sulla Biografia Greca*. Napoli: M. D'Auria Editore, 167-84.
- . (1997r), *Studi sulla biografia greca*. Napoli: M. D'Auria Editore.
- . (2000), «I generi Letterari nel Corpus Plutarco: Aspetti e Problemi», in I. Gallo & C. Moreschini (eds.), *I generi Letterari in Plutarco (Atti del VIII Convegno Plutarco, Pisa, 2-4 giugno 1999)*. Napoli: M. D'Auria Editore, 9-17.
- . (ed.) (2004), *La Biblioteca di Plutarco. Atti del IX Convegno plutarco (Pavia, 13-15 giugno 2002)*. Napoli: M. D'Auria Editore.

- Gallo, I. & Scardigli, B. (eds.) (1995), *Teoria e Prassi Politica nelle Opere di Plutarco, Atti del V Convegno plutarco (Certosa di Pontignano, 7-9 giugno 1993)*. Napoli: M. D'Auria Editore.
- Gascou, J. (1984), *Suétone historien*. Rome: École Française de Rome.
- Geiger, J. (1985), *Cornelius Nepos and the Ancient Political Biography*. Stuttgart: Franz Steiner.
- . (1988), «Nepos and Plutarch: from Latin to Greek Political Biography», *ICS* 13: 245-56.
- Gentili, B. & Cerri, E. (1983), *Storia e biografia nel pensiero antico*. Bari: Laterza.
- Hägg, T. (2012), *The Art of Biography*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Helmbold, W. & O'Neil, E. (1959), *Plutarch's quotations*. Baltimore: The American Philological Association (Oxford: B. H. Blackwell.)
- Homeyer, H. (1962), «Zu den Anfängen der griechischen Biographie», *Phil.* 106: 75-85.
- Jenkinson, E. (1973), «Genus scripturae leve: Cornelius Nepos and the Early History of Biography at Rome», *ANRW* 1.3: 703-19.
- Jennings, V. & Kotsaros, A. (eds.) (2007), *The world of Ion of Chios*. Leiden/Boston: Brill.
- Kraus, C. (ed.) (1999), *The limits of historiography: genre and narrative in ancient historical texts*. Leiden-Boston-Köln: Brill.
- Larsen, T. (1942), *Papyri Graecae Haunienses*. Copenhagen: Einar Munksgaard.
- Leão, D. (2003), «Os Sete Sábios como agentes de formação», *Biblos. Culturas em Diálogo* n.s. 1: 23-41.
- . (2006), «A tradição dos Sete Sábios: o *sapiens* enquanto paradigma de uma identidade», in D. Leão, J. Ribeiro Ferreira & M^a do Céu Fialho, *Paideia e Cidadania*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 35-78.
- Leo, F. (1901), *Die griechisch-römische Biographie nach ihrer litterarischen Form*. Leipzig: Georg Olms Verlag.
- Levi, M. A. (1955), *Plutarco e il V secolo*. Milano: Istituto Editoriale Cisalpino.
- Marincola, J. (1999), «Genre, convention, and innovation in Greco-roman historiography», in C. Kraus (ed.), *The Limits of Historiography: genre and narrative in ancient historical texts*. Leiden/Boston/Köln, 281-324.
- McGing, B. & Mossman, J. (2006), *The Limits of Ancient Biography*. Swansea: Classical Press of Wales.
- Meyer (2011r), «Die Biographie Kimons», *Forschungen zur alten Geschichte*, vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1-87.
- Momigliano (1991t), *La naissance de la biographie en Grèce ancienne*. Strasbourg: Circé.

- Paton, W. (1913), «Plutarch and Satyrus», *CR* 27.4: 131-2.
- Pelling, C. (2002), «Plutarch's Caesar: a Caesar for the Caesars?», in *Plutarch and History*. London: The Classical Press of Wales and Duckworth, 253-65.
- Pinheiro, J. (2008), «A escrita biográfica de Plutarco», in P. Morão & C. Infante do Carmo (orgs.), *ACT 16 – Escrever a vida: Verdade e ficção*. Porto: Campo das Letras, 317-37.
- . (2013), *Tempo e espaço da paideia nas Vidas de Plutarco*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Power, T. & R. Gibson (eds.) (2014), *Suetonius the biographer: Studies in Roman lives*. Oxford: Oxford University Press.
- Press, G. (1982), *The Development of the Idea of History in Antiquity*. Kingston/Montreal: McGill-Queen's University Press.
- Race, W. (1987), «Pindaric encomium and Isokrates' *Evagoras*», *TAPhA* 117: 131-55.
- Ramon Palerm, V. (1992), *Plutarco y Nepote: Fuentes e Interpretación del Modelo Biográfico Plutarqueo*. Zaragoza: Departamento de Ciencias de la Antigüedad de la Universidad de Zaragoza.
- Renders, H., Haan, B. de & Harmsma, J. (eds.) (2017), *The Biographical Turn: Lives in History*. London/New York: Routledge.
- Rossi, L. E. (1971), «I generi letterari e le loro scritte e non scritte nelle letterature classiche», *BICS* 18: 69-94.
- Sánchez Marín, J. A. (1982), «Conceptos de biografía en Nepote, Plutarco y Suetonio», *Estudios de Filología Latina* 3: 211-20.
- Schamp, J. (1995), «Le Plutarque de Photios», *AC* LXIV: 155-84.
- Schorn, S. (2004), *Satyros aus Kalliatis: Sammlung der Fragmente mit Kommentar*. Basel: Schwabe.
- Schrader, C. et al. (eds.) (1997), *Plutarco y la Historia. Actas del V Simposio Español sobre Plutarco (Zaragoza, 20-22 de junio de 1996)*. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza.
- Stadter, P. (ed.) (1992), *Plutarch and the Historical Tradition*. London/New York: Routledge.
- . (2000), «The Rhetoric of Virtue in Plutarch's Lives», in L. Van der Stockt (ed.), *Rhetorical Theory and Praxis in Plutarch, Acta of IVth International Congress of The International Plutarch Society, Leuven, July 3-6, 1996*. Louvain: Peeters Publishers, 493-510.
- . (2007), «Biography and history», in J. Marincola (ed.), *A companion to Greek and Roman historiography*. Vol. 2. Malden/MA/ Oxford: Blackwell, 528-40.
- Stem, R. (2012), *The political biographies of Cornelius Nepos*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

- Swain, S. (1997), «Biography and biographic in the literature of the Roman Empire», in M. Edwards & S. Swain (ed.), *Portraits: Biographical representation in the Greek and Latin Literature of the Roman Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1-37.
- . (1998r), *Hellenism and Empire. Language, Classicism, and Power in the Greek World, ad 50-250*. Oxford: Clarendon Press.
- Syme, R. (1980), «Biographers of the Caesars», *Museum Helveticum* 37: 104-28.
- Titchener, F. (1992), «Critical Trends in Plutarch's Roman Lives, 1975-1990», *ANRW II.33.6*: 4128-53.
- . (2003), «Cornelius Nepos and the biographical tradition», *G&R* 50.1: 85-99.
- Uxkull-Gyllenband (1927), *Plutarch und die griechische Biographie. Studien zu Plutarchischen Lebensbeschreibungen des V. Jahrhunderts*. Stuttgart: Verlag von W. Kohlhammer.
- Valcárcel Martínez, V. (ed.) (2009), *Las biografías griega y latina como género literario: De la Antigüedad al Renacimiento. Algunas calas*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- Valgiglio, E. (1987), «Historia e bios in Plutarco», *Orpheus* VIII, 50-70.
- . (1992), «Dagli 'Ethicà' ai 'Bioi' in Plutarco», *ANRW II.33.6*: 3963-4051.
- Winslow, D. J. (1980), *Life-writing. A glossary of terms in biography, autobiography, and related forms*. Honolulu. (disponível em <https://scholarspace.manoa.hawaii.edu/bitstream/10125/42312/LifeWriting.pdf>; acesso a 15 jun. 2021)
- Zaccaria, P. (2021), *Die Fragmente der griechischen Historiker IV: Biography and antiquarian literature A. Biography. Fascicle 5. The first century BC and Hellenistic authors of uncertain date [nos. 1035-1045]*. Leiden: Brill.
- Ziegler (1951), «Plutarchos von Chaironeia», *RE* 21.1: 636-962.